 Tempo de leitura: 10 min.

(continuação do artigo anterior)

3. A morte como um momento de encontro alegre com Deus

Como todas as considerações e instruções em o *Jovem Instruído*, a meditação sobre a morte é marcada por uma preocupação didática acentuada.[1] O pensamento da morte como um momento que fixa toda a eternidade deve estimular o propósito sincero de uma vida boa e virtuosa que seja frutífera:

"Considera que do instante da morte depende a tua eterna salvação ou eterna perdição. [...] Compreendes bem o que te digo? Quero dizer que daquele momento depende ir para o Céu ou para o inferno; ser para sempre feliz ou para sempre infeliz; para sempre filho de Deus ou para sempre escravo do demônio; para sempre gozar com os anjos com os santos no céu ou gemer e arder para sempre com os condenados no inferno!
Teme grandemente pela tua alma e pensa que do viver bem depende uma boa morte e uma eternidade de glória. Por isso, não difiras por mais tempo e prepara-te desde já para fazer uma boa confissão e dispor bem as coisas da tua consciência, prometendo a Nosso Senhor perdoar os teus inimigos, reparar os escândalos dados, santificar os dias de guarda, cumprir os deveres do teu estado. E agora, põe-te na presença de teu Deus e dize-Lhe de coração: "Meu Deus, desde este momento eu me converto a Vós; amo-Vos, quero amar-Vos e servir-Vos até a morte.virgem santíssima, minha Mãe, ajudai-me naquele terrível momento.Jesus, José e Maria, expire em paz entre vós a minha alma".[2]

No entanto, a mais completa e também a mais expressiva das visões e dos quadros culturais de Dom Bosco sobre o tema da morte encontramos em seu primeiro texto narrativo, composto em memória de Luís Comollo (1844). Ali ele relata a morte de seu amigo "no ato de pronunciar os nomes de Jesus e Maria, sempre sereno e com o rosto risonho, movendo um doce sorriso como quem se surpreende ao ver um objeto maravilhoso e exultante, sem fazer nenhum movimento".[3] Mas a morte plácida descrita de forma tão sucinta foi precedida por uma descrição detalhada de uma doença final atormentada: "Uma alma tão pura e adornada de tão belas virtudes, como era a de Comollo, diríamos que ele não tinha nada a temer quando a hora da morte se aproximasse. No entanto, ele também sentia grande apreensão".[4] Luís havia passado a última semana de sua vida "sempre triste e melancólico, absorto no pensamento dos julgamentos divinos". Na noite do sexto dia, "ele foi acometido por um ataque de febre convulsiva tão forte

que o privou do uso da razão. No início, ele soltou um gemido alto, como se tivesse sido aterrorizado por algum objeto assustador; em meia hora, recuperando os sentidos e olhando fixamente para os espectadores, ele exclamou: 'Oh, julgamento! Em seguida, começou a se debater com tanta força que cinco ou seis de nós, que estávamos presentes, mal conseguíamos mantê-lo na cama".[5] Depois de três horas de delírio, ele "voltou a ter plena consciência de si mesmo" e confidenciou ao amigo Bosco o motivo de sua agitação: parecia estar diante de um inferno escancarado, ameaçado por "um bando inumerável de monstros", mas fora resgatado por uma equipe "de fortes guerreiros" e, depois, conduzido pela mão de "uma mulher" ("que julgo ser nossa mãe comum"), encontrara-se "em um jardim muito agradável", razão pela qual agora se sentia calmo. Assim, "por maior que fosse o medo e o pavor de comparecer diante de Deus, muito mais alegre ele parecia depois e ansioso para que esse momento chegasse; não havia mais tristeza ou melancolia em seu rosto, mas um aspecto totalmente alegre e jovial, de tal forma que ele sempre queria cantar salmos, hinos ou louvores espirituais".[6]

A tensão e a angústia são resolvidas em uma experiência espiritual alegre: é a visão cristã da morte, sustentada pela certeza da vitória sobre o inimigo infernal, por meio do poder da graça de Cristo, que abre as portas da bendita eternidade, e pela assistência materna de Maria. É sob essa luz que o relato de Comollo deve ser interpretado. O "abismo profundo, semelhante a uma fornalha", perto do qual ele se encontra, a "hoste de monstros de formas assustadoras" que tentam lançá-lo no abismo, os "fortes guerreiros" que o libertam "de tal situação", a longa escadaria que leva ao "maravilhoso jardim", defendido "por muitas serpentes prontas para devorar quem quer que suba", a Mulher "vestida com a maior pompa" que o toma pela mão, o guia e o defende: Tudo remete àquele imaginário religioso que engloba, na forma de símbolos e metáforas, uma sólida teologia da salvação, a convicção do destino pessoal à eternidade feliz e a visão da vida como uma jornada rumo à felicidade, minada por inimigos infernais, mas sustentada pela ajuda onipotente da graça divina e pelo patrocínio de Maria. O gosto romântico, que impregna o fato da fé com intensa emotividade e dramaticidade, faz uso espontâneo do simbolismo popular tradicional, mas o horizonte é o de uma visão de fé amplamente otimista e historicamente operativa.

Mais adiante, Dom Bosco relata um extenso discurso de Luís. É quase um testamento no qual emergem dois temas principais inter-relacionados. O primeiro é a importância de cultivar ao longo da vida o pensamento sobre a morte e o julgamento. Os argumentos são os da pregação atual e da publicidade devota: "Não sabes ainda se os dias de tua vida serão curtos ou longos; mas, seja qual for a incerteza da hora, sua chegada é certa; portanto, cuida para que toda a tua vida

não seja nada além de uma preparação para a morte, para o Juízo". A maioria dos homens não pensa seriamente sobre isso, "portanto, quando a hora se aproxima, eles permanecem confusos, e aqueles que morrem em confusão, na maioria das vezes, ficam eternamente confusos! Felizes são aqueles que passam seus dias em obras santas e piedosas e se encontram preparados para esse momento".[7]

O segundo tema é a ligação entre a devoção mariana e a boa morte. "Enquanto estivermos neste mundo de lágrimas, não teremos patrocínio mais poderoso do que o da Bem-Aventurada Virgem Maria [...]. Oh, se os homens pudessem ser persuadidos da alegria que lhes traz, na hora da morte, o fato de terem sido devotos de Maria, todos estariam competindo para encontrar novas maneiras de oferecer-lhe honras especiais. Ela será aquela que, com seu Filho em seus braços, tomará nossa defesa contra o inimigo de nossa alma na última hora; mesmo que o inferno se arme contra nós, com Maria em nossa defesa, a vitória será nossa". É claro que essa devoção deve ser correta: "Cuidado, porém, para não ser daqueles que, por recitar algumas orações a Maria, por oferecer-lhe algumas mortificações, acreditam que são protegidos por ela, enquanto levam uma vida completamente livre e desregrada. [...] Sê sempre verdadeiro devoto de Maria, imitando suas virtudes, e experimentarás os doces efeitos de sua bondade e de seu amor".[8] Essas razões estão próximas daquelas apresentadas por Luís-Maria Grignion de Montfort (1673-1716) no terceiro capítulo do *Traité de la vraie dévotion à la sainte Vierge [Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem]* (que, no entanto, nem Comollo nem João Bosco poderiam conhecer).[9] Toda a mariologia clássica, transmitida por pregações e livros ascéticos, insistia em tais aspectos: nós os encontramos em Santo Afonso (*Glórias de Maria*);[10] antes dele nos escritos dos jesuítas João Crasset e Alexandee Diotallevi,[11] de cuja obra Comollo se teria inspirado para a invocação feita diante da morte "com voz clara":

"Virgem santa, mãe benigna, mãe amada do meu amado Jesus, vós que, entre todas as criaturas, fostes a única digna de carregá-lo em vosso seio virginal e imaculado, oh, por aquele amor com que o amamentastes, o apertastes carinhosamente em vossos braços, por aquilo que sofrestes quando lhe fostes sua companheira em sua pobreza, quando o vistes em meio aos flagelos, cuspes e açoites, e finalmente morrendo ofegante na Cruz; Por tudo isso, obtende-me o dom da fortaleza, da fé viva, da esperança firme, da caridade inflamada, com sincera dor pelos meus pecados, e aos favores que me obtivestes durante toda a minha vida, acrescentai a graça de que eu tenha uma morte santa. Sim, querida Mãe misericordiosa, assisti-me neste momento em que estou prestes a apresentar minha alma ao juízo divino, apresentai-a vós nos braços de vosso Divino Filho; que

se me prometeis isso, eis que com espírito ousado e franco, apoiado em vossa clemência e bondade, apresento esta minha alma por vossas mãos àquela Suprema Majestade, cuja misericórdia espero alcançar”.[12]

Esse texto mostra a solidez da estrutura teológica subjacente ao sentimento religioso com o qual a história está imbuída, e revela uma devoção mariana “regulamentada”, uma espiritualidade austera e muito concreta.

A *vida do clérigo Luis Comollo*, com toda a sua tensão dramática, representa a sensibilidade de João Bosco como seminarista e aluno do Colégio Eclesiástico. Nos anos posteriores, à medida que crescia sua experiência educativa e pastoral entre adolescentes e meninos, o Santo preferiu destacar apenas o lado alegre e reconfortante da morte cristã. Vemos isso especialmente nas biografias de Domingos Sávio, Miguel Magone e Francisco Besucco; mas encontramos exemplos disso já no *Jovem Instruído,* onde, narrando a santa morte de Luís Gonzaga, ele afirma: “As coisas que podem nos perturbar no momento da morte são especialmente os pecados da vida passada e o medo dos castigos divinos para a outra vida”; mas se o imitarmos levando uma vida virtuosa, “verdadeiramente angelical”, poderemos receber com alegria o anúncio da morte como ele fez, cantando o *Te Deum* cheio de “alegria” – “Oh, que alegria, estamos partindo: *Laetantes imus*” – e “no beijo de Jesus crucificado expirou placidamente. Que bela morte!”.[13]

As três *Vidas* concluem com o convite a estar preparados para fazer uma boa morte. Na pedagogia de Dom Bosco, como já foi mencionado, o tema era tratado com acentos particulares, em função da conversão “franca e resoluta”[14] do coração e do dom total de si a Deus, que gera uma vida ardente, fecunda de frutos espirituais, de empenho ético e ao mesmo tempo jubiloso. É nesta perspectiva que, nessas biografias, Dom Bosco apresenta o exercício da boa morte:[15] é um excelente instrumento para educar à visão cristã da morte, para estimular uma revisão eficaz e periódica do próprio estilo de vida e das próprias ações, para favorecer uma atitude de constante abertura e cooperação com a ação da graça, fecunda em obras, para dispor positivamente a alma ao encontro com o Senhor. Não é por acaso que os capítulos finais retratam as últimas horas dos três protagonistas como uma fervorosa e calma expectativa do encontro. Dom Bosco relata os diálogos serenos, as “incumbências” confiadas aos moribundos[16], as despedidas. O instante da morte é então descrito quase como um êxtase feliz.

Nos últimos momentos de sua vida, Domingos Sávio teve as orações da boa morte lidas para ele por seu pai:

“Repetia cuidadosa e distintamente cada palavra; mas, no final de cada parte, ele queria dizer a si mesmo: “Ó misericordioso Jesus, tende piedade de mim». Chegando às palavras: «Quando finalmente minha alma comparecer diante de vós e vir pela primeira vez o esplendor imortal de vossa majestade, não a expulseis de vossa presença; mas dignai-vos receber-me no seio amoroso de vossa misericórdia, para que eu cante eternamente os vossos louvores», “Bem”, acrescentou ele, “é exatamente isso que eu desejo. Oh, querido papai, cantar eternamente os louvores do Senhor!” Então ele pareceu ficar um pouco sonolento novamente, como alguém que está pensando seriamente em algo de grande importância. Pouco tempo depois, ele acordou e com uma voz clara e risonha: “Adeus, querido papai, adeus: o reitor ainda queria me dizer outra coisa, e eu não consigo mais me lembrar... Oh! que coisa mais linda estou vendo...”. Dizendo isso e sorrindo com um ar de paraíso, expirou com as mãos cruzadas diante do peito, sem fazer o menor movimento”.[17]

Miguel Magone faleceu “placidamente”, “com a serenidade normal de seu rosto e com o sorriso nos lábios”, depois de beijar o crucifixo e invocar: “Jesus, José e Maria, coloco minha alma em suas mãos”.[18]

Os últimos momentos da vida de Francisco são caracterizados por fenômenos extraordinários e por um ardor incontido: “Parecia que uma beleza brilhava em seu rosto, um esplendor tão grande que fazia desaparecer todas as outras luzes da enfermaria”; “levantando um pouco a cabeça e estendendo as mãos o máximo que podia, como quem aperta a mão de um ente querido, começou a cantar com uma voz alegre e sonora: Louvai a Maria [...]. Depois disso, fez vários esforços para erguer-se mais alto, que de fato estava se elevando, enquanto estendia as mãos unidas de forma devota, e novamente começou a cantar assim: *Ó Jesus de amor ardente* [...]. Ele parecia ter se tornado um anjo com os anjos do paraíso”.[19]

(continua)

---

[1] Cf. João Bosco, *O Jovem Instruído*, 40-43 (consideração para a terça-feira: *Morte*).

[2] *Ibid.*, 42-43.

[3] [João Bosco], *Cenni storici sulla vita del chierico Luigi Comollo morto nel Seminario di Chieri ammirato da tutti per le sue singolari virtù. Scritti da un suo*

collega, Torino, Tipografia Speirani e Ferrero, 1844, 70-71.

[4] *Ibid*., 49.

[5] *Ibid.*, 52-53.

[6] *Ibid*., 53-57.

[7] *Ibid*., 61.

[8] *Ibid*., 62-63.

[9] A obra de Grignion de Monfort só foi descoberta em 1842 e publicada em Turim pela primeira vez quinze anos depois: *Trattato della vera divozione a Maria Vergine del ven. servo di Dio L. Maria Grignion de Montfort*. Versão do francês de C. L., Turim, Tipografia P. De-Agostini, 1857.

[10] Segunda parte, capítulo IV (*Vários obséquios de devoção à divina Mãe com suas práticas*), onde o autor afirma que para obter a proteção de Maria "são necessárias duas coisas: a primeira é que lhe ofereçamos nossos obséquios com nossas almas limpas de pecados [...]. A segunda condição é que perseveremos em sua devoção" (*Le glorie di Maria di sant'Alfonso Maria de' Liguori*, Torino, Giacinto Marietti, 1830, 272).

[11] Jean Crasset. *La vera devozione verso Maria Vergine stabilita e difesa*. Venezia, nella stamperia Baglioni, 1762, 2 vols.; Alessandro Diotallevi, *Trattenimenti spirituali per chi desidera d'avanzarsi nella servitù e nell'amore della Santissima Vergine, dove si ragiona sopra le sue feste e sopra gli Evangelii delle domeniche dell'anno applicandoli alle meditoli alla medesima Vergine con rari avvenimenti*, Venezia, presso Antonio Zatta,

1788, 3 vols.

[12] [Bosco], *Cenni storici sulla vita del chierico Luigi Comollo*, 68-69; cf. Diotallevi, *Trattenimenti spirituali*..., vol. II, pp. 108-109 (Trattenimento XXVI: *Colloquio dove l'anima supplica la B. Vergine che voglia esserle Avvocata nella gran causa della sua salute*).

[13] Bosco. *Il giovane provveduto, pp.* 70-71.

[14] Cf. Bosco. *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele*, 24.

[15] Por exemplo, cf. Bosco. *Vida do jovem Domingos Sávio,* 106-107: “Na manhã de sua partida, ele fez com seus companheiros o exercício da boa morte com tanta devoção, confessando-se e comungando, que eu, que o presenciei, não sei como expressá-lo. É necessário, dizia ele, que eu faça bem esse exercício, porque espero que seja realmente para mim o da minha boa morte”.

[16] “Mas antes de deixá-lo partir para o paraíso, gostaria de incumbi-lo de uma tarefa [...]. Quando você estiver no paraíso e tiver visto a grande Virgem Maria, dê a ela uma saudação humilde e respeitosa da minha parte e da parte dos que estão nesta casa. Peça para que ela se digne nos dar sua santa bênção; que ela nos receba a todos sob sua poderosa proteção, e nos ajude de tal forma que nenhum dos que estão aqui, ou que a divina Providência enviará a esta casa, venha a se perder”, Bosco, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele*, 82.

[17] Bosco, *Vita del giovanetto Savio Domenico*, 118-119.

[18] Bosco, *Cenno biografico sul giovanetto Magone Michele*, 83. O P. Zattini, vendo aquela morte serena, não conteve a emoção e pronunciou estas graves palavras: “Ó morte, tu não és um flagelo para as almas inocentes; para elas tu és a maior benfeitora; tu abres a porta para o gozo de bens que nunca mais se perderão. Por que não posso estar em teu lugar, ó amado Miguel?” (ibild., 84).

[19] João Bosco, *Il pastorello delle Alpi ovvero vita del giovane Besucco Francesco d’Argentera*, Turim, Tip. dell’Orat. di S. Franc. di Sales, 1864, 169-170.